

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-006

Entrevistado: Antônio da Silva Pessoa

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 10/10/2006

Horário da entrevista: 15h45min

Duração da entrevista: 58min57seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação das entrevistas:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rosilene Magda Figueiredo (monitora)

Assistente: Rafael de Almeida Santos (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 08/11/2006

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 13/12/2006

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo, a data e o local de nascimento?

Antônio Pessoa – Antônio da Silva Pessoa, nascido em Alto Rio Doce¹, em 30 de setembro de 1917.

Keka Simões – Qual é o nome dos seus pais?

Antônio Pessoa – José da Silva Pessoa e Maria da Silva Pessoa.

Keka Simões – Em que eles trabalhavam?

Antônio Pessoa – Eram agricultores.

Keka Simões – O senhor tem ou teve irmãos?

Antônio Pessoa – São cinco. Aliás, seis irmãos vivos.

Keka Simões – Eles trabalhavam em quê?

Antônio Pessoa – Também na lavoura.

Keka Simões – Antes de começar a trabalhar na Companhia Minas da Passagem, o senhor trabalhou em outros locais?

Antônio Pessoa – Trabalhei na Prefeitura de Alto Rio Doce, durante nove anos. Fazia de um tudo. Tudo o que eles me pediam para fazer... Não escolhia serviço. Esses nove anos valeram ouro! Na época, não existia INPS², mas eu consegui, pela Justiça, enquadrar esses nove anos para fins da aposentadoria.

Keka Simões – Quando o senhor começou a trabalhar na Companhia Minas da Passagem?

Antônio Pessoa – Foi em 25 de março de 1938.

Keka Simões – Por que o senhor foi trabalhar na Companhia?

Antônio Pessoa – Eu posso contar desde quando saí da minha terra, ou não?

Keka Simões – Pode, uai³!

Antônio Pessoa – Por uma razão muita justa, não é? Por muito respeito que eu tivesse a meus pais... Eu tinha minha roça e ele tinha a dele; eu tinha o meu paiolzinho e ele também tinha o dele. Na hora de vender, ele pegava o meu produto e vendia: arroz, feijão, amendoim. E eu ficava sem nada, não é? Até que um dia eu apanhei coragem e falei com ele: “Por muito respeito que eu

¹ Município de Minas Gerais.

² Instituto Nacional de Previdência Social, atual INSS, Instituto Nacional de Seguridade Social.

³ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

tenho ao senhor, eu não posso continuar assim. Eu tenho que tocar a minha vida. Eu pretendo constituir família. Eu tenho que procurar um outro lugar para que eu possa fazer alguma coisa, ganhar um dinheirinho e cuidar de mim. Se possível, ter um crescimento melhor do que na minha terra”. E foi o que aconteceu. Chegando aqui... Como eu disse, muita gente, as pousadas todas repletas, não tinha lugar! Como eu sempre fui um pouco além do que era necessário na palestra, na conversa, chegando a um barzinho, em Passagem⁴ mesmo, pedi um lanche. Me deram o lanche: “O senhor não é daqui?” Falei: “Não sou. Cheguei hoje e não consegui pousada. Vou dormir ao relento porque não conheço nada aqui”. Aí chegou um senhor bem vestido, com capotão de veludo, e pediu uma cerveja. Estava tomando cerveja e ouvindo o que eu falava com o comerciante. Assim que eu terminei o lanche e fui saindo, ele falou: “Faça o favor. Você disse que não tem lugar para dormir. É possível dormir ao relento. Eu tenho um quarto...”. Hoje é São Vicente, Vila São Vicente⁵. Ali tinha um alojamento que era da Companhia, com 20 cômodos, três por três⁶. Ele disse: “O quarto é 13. Doze já moram lá. Com o senhor, vai inteirar 13. É o número do quarto. Você paga cinco mil réis por mês”. Eu aceitei logo, não é? “Chega lá, diz que foi o Augusto⁷ que mandou. Eles já sabem que é verdade”. Isso aconteceu. Aí chego para tirar o serviço. A Companhia tinha um bom hospital, bons médicos. Chegando lá, me julgaram incapaz para trabalhar, a saúde não estava de acordo. O que eu fiz? Trabalhei durante uns 15 dias na Prefeitura de Mariana, fazendo calçamento em Passagem, ganhando até bem: naquela época, cinco mil réis por dia não era um mau salário. Voltei à Companhia. Fui ao Departamento Pessoal pedir para fazer um novo exame. Eu não tinha tomado medicamento nenhum, mas eu queria saber o porquê, não é? Chegando lá, mesma coisa: não qualificado, a saúde não era boa. Tentei pela terceira vez. Eles me acharam um pouco desnutrido, magro. Eu tinha um revólver HO e tinha munição: enchi os bolsos de bala [riso] 38⁸ e pus o revólver por dentro da camisa. Chegou na balança: “É, o senhor melhorou um pouquinho no peso”. Eu fiquei satisfeito! Mas também não deu

⁴ Passagem de Mariana, distrito de Mariana.

⁵ Bairro de Passagem de Mariana.

⁶ Três metros quadrados.

⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁸ Tipo de calibre.

para trabalhar. Na quarta vez, fui de novo ao Departamento Pessoal. O chefe do Departamento Pessoal era um professor e delegado, Bento⁹, muito severo. Eu falei: “Eu gostaria de falar com o diretor-dono da Companhia, Júlio Mourão Guimarães”. Porque ele era diretor-dono, não é? Os Guimarães eram um grupo que havia comprado a empresa. Ele falou: “Não, mas... Ir lá falar para quê? Se os médicos e nós aqui, do Departamento Pessoal, não resolvemos nada para você, o que vale você chegar até o diretor da Companhia e conversar com ele?” Eu falei: “Mas eu quero. Eu posso ir ou não?” Falou: “Bom, já que você insiste, vem cá. Você está de chapéu. Você sobe e quando chegar ao último degrau, você tira o chapéu, faz uma vênia e diz: ‘Dá licença, Senhor diretor’”. Ele era vaidoso. “Aí ele manda você chegar. Você expõe o que quer”. Então, chegando ao último degrau: “Dá licença, Senhor diretor”¹⁰ – chapéu debaixo do braço, não é? Aí ele sorriu: “Faça o favor. Entre”. Eu entrei. Debrucei no balcão: “O que acontece?” “O que acontece é isso, isso e isso. Eu não consegui trabalho. Eu gostaria que o senhor arranjasse trabalho, o mínimo para 15 dias, para arranjar um dinheirinho para voltar para a minha terra. Eu sempre trabalhei em lavoura e gostaria de trabalhar em uma indústria para ver como é, para ter alguma coisa para contar para os meus amigos. É uma coisa diferente que eu não conheço. E, trabalhando, eu vou conhecer.” “Olha, muito bem¹¹. Entrega ao Senhor Joaquim Novaes” – era o mestre, chefão, chefe de obras e patrimônio da Companhia. “Trabalhar 15 dias, só 15 dias, para você conseguir dinheiro para voltar para a sua terra”. Aí eu fiquei satisfeito! Não tem o armazém, onde uns trabalham com teatro¹²? Aquilo ali estava em construção; fui trabalhar lá. O diretor, muito duro, muito severo, mas muito em cima das coisas... Eu não esperava o que aconteceu. Quando completaram exatamente os 15 dias, o pagamento chegou nas áreas de trabalho. E eu nunca tinha visto tanto dinheiro! Porque eu tinha feito muita hora extra, então cresceu o volume financeiro, não é? Quando peguei o envelope, comecei a tremer: eram aquelas notas de 20, mil réis, muito grandes! Falei: “Agora, sim! É pena que eu vou embora”. Assim que eu coloquei o dinheiro no bolso, chegou o diretor da

⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁰ O entrevistado reconstitui a cena, inclinando um pouco o seu corpo e fazendo o gesto de retirar um chapéu.

¹¹ O entrevistado imita uma pessoa assinando um papel.

¹² O entrevistado refere-se ao antigo armazém da Companhia Minas da Passagem, que então estava ocupado por um grupo teatral e circense.

Companhia, Júlio Mourão Guimarães. Foi diretor por 22 anos, um grande administrador! Farmacêutico, não era engenheiro. Aí: “Ô, Felício¹³!” – era o meu chefe, meu feitor. “E esse aí? Esse de chapéu aí?” “Esse é um dos bons homens de trabalho que eu tenho aqui. É um dos bons”. Ele estava a cavalo. Ele virou a mula, foi para casa e eu trabalhei até 1989, na mesma empresa, ganhando serviço para 15 dias. Isso é que é favor que a gente recebe de Deus, com sinceridade!

Keka Simões – O senhor conseguiu o emprego depois dessa peripécia e dessa insistência do senhor. O senhor me disse que começou a trabalhar no solo, não é isso?

Antônio Pessoa – É.

Keka Simões – No solo, o senhor trabalhou no armazém. O senhor trabalhou em mais algum outro espaço, dentro da Companhia?

Antônio Pessoa – Após uns três meses que eu estava no solo, chegou o diretor e falou para o meu chefe: “Manda todos esses que estão trabalhando aqui para a Mina, porque na Mina está faltando gente”. Aí foi outro susto, não é? Trabalhar debaixo do solo! A gente pensa: “Lá não tem ar, lá não tem isso, não tem aquilo. Como será o trabalho?” Eu cheguei um pouquinho mais tarde; o horário de descer era às sete horas.

Keka Simões – Sete da manhã?

Antônio Pessoa – É, da manhã. Em ponto. Como eu me atrasei um pouquinho, perguntei ao chegar: “Ainda dá para trabalhar?” O chefe do terreiro... Eles falavam chefe do terreiro, e não chefe da área. “Dá sim”. Então me deu um gasômetro a carbureto, me deu uma chapa de metal, R2 – ainda lembro muito bem.

Keka Simões – Para quê?

Antônio Pessoa – Essa chapa... O meu nome ficava em um quarto um pouco maior do que este¹⁴ e ficava no lugar da chapa. Eu entregava a chapa ao meu feitor e o feitor apontava o meu nome e essa chapa era devolvida, no outro dia, para o chefe da área, da boca da Mina. Aí eu peguei o gasômetro, descí só. Até não foi muito certo, porque eu não conhecia nada da Mina, não é? Um

¹³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁴ Refere-se ao Vagão Oficina de Vídeo da Estação Ferroviária de Mariana, de aproximadamente seis metros quadrados.

lugar perigosíssimo... A caçamba, que era o transporte do minério, descia a mais de cem quilômetros! Quando a gente sentia aquele barulhão nos trilhos, encostava-se na lateral da Mina. A Mina era um pouco mais larga do que isto aqui, todas elas. Então desci 1140 metros a pé. Eles já tinham me falado: “Depois você chega a uma galeria. Está escrito: Galeria do O. 770 O. Segue direto que você vai encontrar gente. Tem lá uma caixa com feitor (primeiro feitor, segundo feitor) e você vai trabalhar com ele”. Cheguei onde precisava. Chegando lá, entreguei a chapa R2. Eles já me deram o trabalho, o que eu tinha que fazer, [inaudível], pegar o minério para encher as vagonetas para vir para a pia. O único lugar de transporte era a pia. Não era galeria. Naquela época, eles falavam pia, não é? Mas era uma pia central: todo minério era escoado ali, para vir para a superfície.

Keka Simões – O senhor e outros enchiam essas vagonetas e levavam para a pia. E da pia para a superfície, como isso era feito?

Antônio Pessoa – A gente jogava em um depósito, porque a bica já dava na central. Aí já vinha uma caçamba de uma tonelada, ficava próxima à bica, tinha uma leva automática: quando a caçamba estava cheia, essa válvula, essa porta se fechava automaticamente, a ar comprimido. Era hidráulica, não é? Para não perder minério e não machucar alguém. Então dentro da Mina eu trabalhei... Nos primeiros dias eu saía às duas horas¹⁵.

Keka Simões – De sete às duas?

Antônio Pessoa – De sete às duas. Tinha uma hora de almoço.

Keka Simões – O almoço era lá embaixo, na Mina?

Antônio Pessoa – Lá embaixo. Não para mim, porque eu levava de casa.

Keka Simões – Para as outras pessoas a Companhia dava?

Antônio Pessoa – Eles entregavam na portaria e tinha um carretão de almoço para chegar até as galerias onde se trabalhava.

Keka Simões – A comida era boa, Senhor Antônio?

Antônio Pessoa – Não era das piores, não. Tinha muita verdura, muita carne, muitos legumes.

Keka Simões – Vocês ficavam uma hora para almoçar?

Antônio Pessoa – Para almoçar.

¹⁵ Quatorze horas.

Keka Simões – A que horas, mais ou menos, era esse almoço?

Antônio Pessoa – Era às 11 horas em ponto.

Keka Simões – E às duas o senhor subia?

Antônio Pessoa – Às duas a gente subia. Às duas já tinha ganhado o dia.

Keka Simões – De duas em diante, o que o senhor fazia?

Antônio Pessoa – Uai, eu ia para a casa!

Keka Simões – Ia para a casa descansar.

Antônio Pessoa – Lavar roupa, cozinhar...

Keka Simões – Nessa época, o senhor estava morando nesse dormitório?

Antônio Pessoa – Isso.

Keka Simões – Certo. E tinha dia de folga?

Antônio Pessoa – Não, não, não.

Keka Simões – Não? Era direto?

Antônio Pessoa – Não. Era direto.

Keka Simões – Tinha turno de trabalho também?

Antônio Pessoa – Tinha. Dois turnos: de sete às duas e de duas às 10.

Keka Simões – Às 10 da noite?

Antônio Pessoa – É. Mas depois eu recebi uma ordem para ir ao escritório. Não sei se foi devido à minha pontualidade no trabalho, porque eu não falhava, fazia tudo para não falhar. Então, eu fui escalado para trabalhar de encanador na Mina. Eu já havia feito esse serviço na minha terra, na Prefeitura. Eu tinha uma grande prática do trabalho. Antes de ser chamado para trabalhar de encanador, se quebrasse um cano na Mina... “Não, pode deixar que eu mesmo conserto”. Eu sabia que aquilo ali era fácil fazer, não é? A produção não era atingida porque eu fazia o serviço. Não precisava esperar bombeiro para fazer o trabalho. Talvez por isso, por ver minha boa vontade, me chamaram para ser escalado. Então, eu e um irmão – eu trouxe da minha terra para aqui e trabalhava junto, como meu ajudante – fomos escalados. Não podíamos falhar. Se tivesse algum problema, tinha que avisar a direção da Companhia. É o tal negócio: serviço não mata ninguém. Se matasse, eu já estaria morto há mais de 20 anos! Trabalhei dois anos fazendo 12 horas. Entrava às seis da tarde e saía às seis da manhã.

Keka Simões – Nessa época em que o senhor trabalhou à noite, nesses dois anos, foi como encanador ou fazendo outros serviços também?

Antônio Pessoa – Mais como encanador. Mas eu ajudava o maquinista a fazer a perfuração na rocha. Às vezes eu passava e via lá, difícil... Ele, no automático da perfuratriz¹⁶ para segurar a broca para fazer, [coroar]¹⁷ um pouquinho para ela não sair do alinhamento. Então, eu fazia. Por isso que, às vezes, eu tinha folga que corria os alargamentos. Eu tinha essa função de correr os alargamentos, se precisasse...

Keka Simões – Correr o quê? Largamento?

Antônio Pessoa – Alargamento, onde eles explodiam a rocha para tirar o minério, o minério rico. Então, eu via o maquinista, com sacrifício... Eu via lá e segurava a broca. Se ele tinha que fazer 12 ou 13 furos, eu fazia o mesmo. Se lá na frente tivesse outro, eu ia dar uma mãozinha para ele também.

Keka Simões – O senhor ficou bastante tempo nesse serviço, embaixo da Mina.

Antônio Pessoa – É.

Keka Simões – Na Companhia, o senhor continuou como encanador ou mudou de cargo, de função, ao longo do tempo?

Antônio Pessoa – Eu me casei em 1945. Em 1946, resolvi sair da Mina, porque a gente via... Tantos e quantos secavam!

Keka Simões – Secavam?

Antônio Pessoa – Secavam. Muitos e muitos! Gente nova, às vezes com um ano, dois anos de serviço, ia emagrecendo, tossindo, tossindo, e a carne ia desaparecendo. Era só pele e osso! E tinha o Isolamento da Companhia, onde hoje Doutor Marcelo¹⁸ está fazendo um prédio. O médico.

Keka Simões – Esse Isolamento era para quê? Para essas pessoas que ficavam doentes?

Antônio Pessoa – Ficavam ali. Eles não podiam ficar em casa com a família, porque às vezes a família não tinha como cuidar. Esse Isolamento era uma casa modesta: tinha dormitório, tinha banheiro, tinha tudo. E uma sopa, uma comida. O médico, às vezes, dava uma assistenciazinha. Mas eles ficavam mais eram agachados, tossindo. Se eles ficassem em pé ou da maneira como

¹⁶ Máquina utilizada para perfurações direcionais em solo.

¹⁷ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁸ O entrevistado não mencionou o nome completo.

estou¹⁹, seria pior. Cessava um pouco a tosse só quando ficavam bem encolhidos, segurando o queixo. Foram muitos!

Keka Simões – Aí o senhor resolveu sair da...

Antônio Pessoa – Resolvi sair.

Keka Simões – Como o senhor fez?

Antônio Pessoa – Doutor Joaquim Maia era diretor da Escola de Minas²⁰ e foi capitão aqui.

Keka Simões – Capitão?

Antônio Pessoa – Capitão da Mina. Capitão da Mina era a segunda pessoa do gerente. A pessoa mais forte da Mina era o capitão. Nem o diretor mandava nele, porque era ele que autorizava tudo na Mina. Resolvi sair da Mina, pedi a ele e ele disse: “Eu dou conta. Conta eu dou, mas transferência não”. Eu falei: “Ô, doutor! Em tudo o que o senhor me pediu para fazer eu mostrei boa vontade. Fiz. E hoje o senhor nega a minha transferência?” Ele disse: “Dou conta”. Foi firme e disse: “Eu dou conta.” “Hoje eu sou casado, pretendo ter filhos, família.” “Não, não dou”. Eu já namorava a esposa, filha de Sidnei²¹, que era a segunda pessoa da trituração do ouro. Todo ouro que saía... E ele dependia dele. Se ele mandasse despejar as caçambas de minério – o minério às vezes não era satisfatório – e meu sogro mandasse lavar, esse minério não chegava à trituração. Então eu falei com meu sogro e ele disse assim: “É. Eu fico triste, mas eu vou lá”. Chegando lá, meu sogro disse para ele: “Gostaria que o senhor desse a transferência para Antônio da Silva Pessoa, que trabalha na Mina”. Aí: “Eu não dou. Ele já veio aqui e eu não dou.” “Doutor, mas eu insisto.” “Por quê?” Aí ele rodou na cadeira – o jeito do bom diretor ou do bom mestre, sempre dá uma rodadinha na cadeira – e falou: “Por que você se interessa pela transferência do Antônio Pessoa?” “Porque ele é meu genro”. Eu me casei em 1945. Em 1936²² eu queria sair da Mina, como saí, não é? Aí ele deu... Ele falou comigo: “Ele precisa de mim e eu preciso dele. Nós estamos na mesma linha do ouro, na linha de produção. Ele tem que depender de mim, eu

¹⁹ O entrevistado encontrava-se sentado em uma cadeira.

²⁰ Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

²¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²² O entrevistado confunde-se em relação à data. A data correta é 1946, como disse em um momento anterior.

também tenho que depender dele”. O doutor Maia era a parte principal da produção de ouro da Companhia.

Keka Simões – Aí o senhor conseguiu?

Antônio Pessoa – Consegui. Eu peço, por favor... Eu vou mais além um pouquinho do... Então, ele me deu um papelzinho com seu nome e assinatura. Eu fui ao Departamento Pessoal e eles falaram: “Mas você tem que mostrar ao diretor”. Quando subi as escadas... Não teve aquela burocracia de tirar chapéu e pedir licença. Eu já fui entrando: “O que acontece?” “Eu preciso falar com o senhor.” “Entre”. Chegando lá, eu dei a ele o papel e ele olhou o papel. Era véspera de eleição. Doutor Celso Arinos Mota, advogado, o mais forte que Mariana já teve em todos os tempos, da política Esquerda... Doutor Celso era esquerdista doente! Estava com ele lá. Porque quem o Senhor Júlio falasse para ser Prefeito de Mariana, tinha que ser. Ele autorizava, tinha que ser. O candidato que ele apresentasse tinha que ser o Prefeito. Como o Doutor [Josafá]²³, Doutor... Mora hoje em Ponte Nova²⁴, ainda é vivo... Esqueci o nome dele, agora. E muitos outros prefeitos. Aí ele falou comigo: “Em quem você vai votar?” Eu falei: “Olha, pobre não escolhe candidato. É o que o patrão... Onde o patrão for, a gente vai. O pedido do patrão é uma ordem”. Ele já assinou o bilhete²⁵ e eu levei para a área da oficina, do Engenho, onde trabalhava meu sogro. O meu sogro não era dessa área, mas tinha um outro chefe... A parte dele era a parte aurífera.

Keka Simões – Depois que saiu da Mina, o senhor foi trabalhar em quê?

Antônio Pessoa – Oficina mecânica, na área de trituração de minério. Tinha a Mecânica Geral, como ainda existe até hoje. Depois de um ano, eu passei a trabalhar na Mecânica Geral. A gente especializava mais, porque mexia com tudo: torno, torneamento, solda, fresa, plaina... De um tudo. Foi onde me tornei mecânico ajustador e outros.

Keka Simões – O senhor continuou sempre na Mecânica, até se aposentar?

Antônio Pessoa – Até me aposentar, na Mecânica. Saí em 1989.

²³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁴ Município de Minas Gerais.

²⁵ O entrevistado imita uma pessoa assinando um papel.

Keka Simões – Deixa voltar um pouquinho. O senhor se casou e já constituindo família... Nessa época, existia algum benefício, algum auxílio, que a Companhia prestava aos seus funcionários e à família dos funcionários?

Antônio Pessoa – Tinha. Pelo menos meus filhos foram beneficiados. Tinha o lactário, que era ali mais próximo ao coreto, naquela casa que fica ao lado ali, cor de rosa. Tinha médico, alimentação balanceada, mamadeira. Tudo de graça, a gente não pagava nada. Para as mães que amamentavam, ia uma sopinha com vitamina para aumentar o leite materno. Época de frio eles davam cobertores, roupinhas para as crianças...

Keka Simões – Além do lactário, tinha outro edifício construído pela Companhia, em Passagem de Mariana? Fora da própria Companhia, o que mais a Companhia construiu para servir seja aos funcionários, seja à comunidade?

Antônio Pessoa – Quinhentas casas da Companhia foram construídas, pelo Mourão, Júlio Guimarães.

Keka Simões – E essas casas eram...

Antônio Pessoa – Essas casas eram as casas... Bem arrumadinhas e por um preço satisfatório. Pagava, cobria um pouco o ordenado. Então, quando eu me casei, eu entrei em uma casa nova, de quatro cômodos, toda forradinha, com banheiro, água, luz, terreno já murado. E pagava, na época, cinco cruzeiros. Era de graça!

Keka Simões – Era aluguel?

Antônio Pessoa – Era aluguel. A casa era da Companhia. Isso aí era uma cobertura também do salário. E outra também sobre a Mina, que eu não falei: quem trabalhasse 24 dias no mês tinha um prêmio de 75 mil réis, além do salário. Todos os meses, a gente podia contar com ele até para fazer uma prestação! O dinheiro saía, se não tivesse falha, se trabalhasse 24 dias – qualquer operário, até escritório, qualquer parte das áreas da Companhia.

Keka Simões – O senhor falou das casas construídas, que eram alugadas, onde o senhor mesmo morou. O cinema foi construído pela Companhia também?

Antônio Pessoa – O cinema também foi construído. O cinema e o cruzeiro de cimento armado que tem naquele alto lá.

Keka Simões – Ali perto do trevo?

Antônio Pessoa – Exatamente. Lá em cima, no meio dos eucaliptos.

Keka Simões – Lá em cima?

Antônio Pessoa – É. Quem não conhece deve ir lá para conhecer, porque é uma obra gigantesca. Tem a placa da época em que foi construído... Senhor Júlio tinha o chá mate e chá preto. O chá era embalado em umas latas para exportação, como Chá Cruzeiro.

Keka Simões – Ah! Isso pertencia à Companhia também...

Antônio Pessoa – Pertencia.

Keka Simões – Tinha plantação de chá?

Antônio Pessoa – Tinha lavoura de chá e tinha a fábrica de secar e embalar o chá. E Dom Helvécio²⁶ também... Onde é o Hospital Monsenhor Horta era uma lavoura de chá: chá mate e chá preto. Dom Helvécio começou também a colocar Chá Cruzeiro e Senhor Júlio melindrou-se. Com isso, deu uma briga com Dom Helvécio Pimenta²⁷ porque colocou o mesmo nome que o Senhor Júlio colocara: Chá Cruzeiro... Então ele construiu esse cruzeiro. Exatamente o desenho do cruzeiro tinha na lata da embalagem, por fora. Igualzinho! Aí não teve como ele usar o chá dele com o nome de Chá Cruzeiro. Ele fez certo.

Keka Simões – Dom Helvécio não pôde mais usar?

Antônio Pessoa – Não pôde. Teve que dar outro nome.

Keka Simões – Fora de Passagem, o senhor tem notícia de prédios ou hospitais construídos pela Companhia?

Antônio Pessoa – Temos o Grupo Escolar – que hoje passou para o Estado – Coronel Benjamim Guimarães. São os pais dos que tocavam a Companhia. Coronel Benjamim Guimarães, Doutor Luís, Doutor Manoel Guimarães... É um grupo que comprou dos ingleses, que comprou a Companhia fechada em 1927. E a Baleia...

Keka Simões – O Hospital da Baleia?

Antônio Pessoa – Da Baleia, em Belo Horizonte²⁸.

Keka Simões – Em Belo Horizonte.

Antônio Pessoa – É. Também foram os Guimarães que construíram para beneficiar os mais carentes. E aqui tinha um bom hospital.

²⁶ Dom Helvécio Gomes de Oliveira tornou-se Arcebispo da Arquidiocese de Mariana em 1922. Faleceu em Mariana, em 1961.

²⁷ O entrevistado confundiu-se quanto ao sobrenome de Dom Helvécio.

²⁸ Capital de Minas Gerais.

Keka Simões – Da Companhia?

Antônio Pessoa – Da Companhia.

Keka Simões – Funcionava em Passagem?

Antônio Pessoa – É. Quando eles compraram a Companhia, o hospital já havia sido construído. Muitas pessoas – médicos, enfermeiros – trabalhavam lá. Eu conheci muitos aí.

Keka Simões – Por acaso, se algum funcionário não obedecesse aos regulamentos da Companhia, tinha algum tipo de penalidade, Senhor Antônio?

Antônio Pessoa – E muito grande!

Keka Simões – Muito grande? Como era? O que acontecia?

Antônio Pessoa – Muito grande! Até com excesso! Meu irmão, João Pessoa, trabalhava comigo e depois passou a morar comigo. Morávamos eu e ele no alojamento. Ele adoeceu e caiu no banheiro, de tanta febre! Tinha um telefone próximo e eu telefonei para a Companhia. Eles mandaram uma condução levá-lo ao hospital. Esteve internado por 15 dias, sendo medicado e correndo risco de vida²⁹. Quando se restabeleceu, deram a ele a entrada e a saída, e o grande doutor Maia [ironia] o colocou como abandono de serviço.

Keka Simões – Ele foi mandado embora?

Antônio Pessoa – As contas dele estavam abertas, porque foi abandono de serviço. Ele não pôde avisar a conta. Eu ainda tomei a frente, falei: “Doutor, o senhor está sendo injusto! Olha aqui a entrada e a saída.” “Ah, mas ele é escalado! Você não avisou e ele não avisou”. Eu falei: “Meu Deus! Avisar como? Eu saí doido com ele em um carro da Companhia para levar para o hospital! Lá, ele ficou internado por 15 dias: tem a entrada e a saída. O que o senhor quer mais?” “Não. Tinha que me avisar!” Eu falei: “Isso era impossível! Será que todos os operários que adoecerem, que passarem por esta aflição – a coisa mais triste que tem é a doença! –, que perderem o serviço, ficarão no abandono, doutor?” “Eu fiz assim e continua assim”. Agora vocês vão dar licença porque eu vou fugir um pouquinho, no mesmo assunto do doutor Maia. Ele foi saindo da Farmácia Itacolomy³⁰ em Ouro Preto, fumando seu cachimbão, com aqueles livros debaixo do braço, e deu de encontro comigo. Mas ele não me viu. Aí eu puxei o paletó dele, falei: “Ô, doutor!” “Ô, Pessoa!

²⁹ Risco de morte.

³⁰ Localizada no centro de Ouro Preto.

Você ainda está por aqui?” “Ah, com muita honra ainda estou por aqui, doutor! O senhor lembra o que o senhor fez com meu irmão João Pessoa? Eu insisti, ele insistiu, ele chorou porque não pôde trabalhar e voltou para a minha terra. E ele gostava do trabalho! Hoje ele está casado, tem 11 filhos, todos os filhos têm casa própria. Ele não era ninguém, mas hoje ele é gente. Mora em uma casa muito boa, em Barbacena³¹, ganha com o suor dele. E o senhor o pôs na rua! A conta dele está aberta na Companhia.” “Mas eu fiz isso?” – segurando o cachimbo. “Eu fiz essa barbaridade?” Eu falei: “Fez.” “Eu lamento muito ter feito!” Eu falei: “Por mim, o senhor está perdoado. A nossa amizade continua. Eu ajudei muito o senhor, mas o senhor entendeu dessa forma, tudo bem”.

Keka Simões – O senhor falou da questão de internar, que eram muitos funcionários. Depois que entrou, o senhor tem idéia do número de funcionários que trabalhavam na Companhia Minas da Passagem, no auge da Companhia?

Antônio Pessoa – Quando eu vim, havia 2500 pessoas, em 1938. Trabalhavam nas Minas da Passagem, cinco minas, em Mata-Cavalos e Morro Santana³².

Keka Simões – Além das cinco, mais Mata-Cavalos e Morro Santana?

Antônio Pessoa – Isso. Tanto é que nessa Vila do Carmo o diretor desapropriou os proprietários daquelas casas da Rua Nova³³. Os quintais vinham até no córrego. Com muita briga, Senhor Júlio desapropriou os fundos de quintais para o minério passar por essa Vila. O Patrimônio³⁴ proibiu passar dentro de Mariana, nas ruas principais. Era o que acontecia, porque não tinha outro lugar para passar. Então foi aberta a estrada de terra, não é? O minério todo de Morro Santana era escoado pela estrada que hoje é esta grande avenida³⁵. Mas quem fez foi Senhor Júlio.

Keka Simões – Esse escoamento era feito em qual veículo? Caminhão?

Antônio Pessoa – Caminhão.

Keka Simões – Caminhão. No final da Companhia, o número diminuiu? Quando o senhor se aposentou, mais ou menos quantas pessoas trabalhavam lá?

³¹ Município de Minas Gerais.

³² Mata-Cavalos e Morro Santana são bairros de Mariana.

³³ Antigo nome da Rua Dom Silvério.

³⁴ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

³⁵ O entrevistado refere-se à Avenida Nossa Senhora do Carmo, localizada em Mariana.

Antônio Pessoa – Ah, diminuiu muito! Diminuiu muito porque, em 1954, o Presidente João Goulart³⁶ achou por bem dobrar o salário mínimo: de 22 passou para 44. A empresa teve um susto muito grande, porque achava que não ia conseguir ter lucro, porque... Doutor Moacir Guimarães era um engenheiro muito entendido e de um coração muito bom! Muito severo, mas era bondoso. Ao dobrar o salário mínimo... Eu e outros já ganhávamos mais de um salário. Ele também deu, naquela época de 1954. Se não melhorasse o salário de quem ganhava mais, dos classificados, a gente ficaria para baixo. Então, o que ele fez? O salário mínimo passou para 44. Quem ganhava mais de um salário mínimo passou a ganhar 72 reais. Na época foi um aumento muito bom! Então a folha cresceu, não tinha como pagar. Antes, quando saía o salário, eles faziam o cálculo: “É, podemos cortar os piores”. Porque sempre, infelizmente, toda área tem. A gente, às vezes, julga pior porque é gente que não gosta de trabalhar, fica escondido. Esses encabeçam a lista quando é necessário. E Doutor Moacir não teve como fazer: fez uma dispensa, na época, de 224 funcionários. Outras já haviam sido feitas. Quando saía o salário sempre dispensava gente, para contrabalançar a folha de pagamento. Cortava gente e aquilo que aumentava para os outros, no gasto dos que foram mandados embora, compensava a folha de pagamento.

Keka Simões – Os senhores tinham algum tipo de uniforme, algum equipamento de proteção no trabalho?

Antônio Pessoa – Tínhamos óculos, máscara, capacete.

Keka Simões – Isso sempre teve, desde quando o senhor entrou?

Antônio Pessoa – Não. Depois de alguns anos, o Ministério do Trabalho jogou em cima, ia para as áreas, fiscalizava. Aí colocaram. Não deram insalubridade... Só na Mina. Para as outras áreas que eram insalubres eles não deram, mas deram equipamento. Até fui presidente também da CIPA³⁷, não é? Fiz estágio na ALCAN³⁸, [na Aluminas]³⁹, durante uns 10 dias, com o José Vieira. Ele trabalhava lá, na época. Fui muito bem recebido pelos funcionários da ALCAN. E lá eu também tinha o almoço de graça.

³⁶ O entrevistado se equivocou quanto ao cargo ocupado por João Goulart. Em 1954, quando houve o aumento referido, ele era Ministro do Trabalho, no governo Getúlio Vargas.

³⁷ Comissão Interna de Prevenção de Acidentes.

³⁸ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

³⁹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Keka Simões – O senhor já me contou como eram as casas. Na extração do ouro... Do minério, não do ouro. O minério saía da Mina para depois ser apurado o ouro. Que tipo de acidente podia acontecer na Mina?

Antônio Pessoa – Aconteceram muitos.

Keka Simões – Por que acontecia? Que tipo de acidente acontecia?

Antônio Pessoa – Era inesperado. A Mina tinha parte nova e parte velha. Parte velha era onde os ingleses tiraram o minério. E a dinamite conserva, principalmente em lugar mais seco... Às vezes, para um fogo de sete, oito metros, eles colocam cinco, seis dinamites. Dinamite tem 20 centímetros por uma polegada e um quarto. E tudo escalado. Os primeiros estopins são os maiores. Na hora de acender, acendem-se os maiores. Então, entre 30 ou vinte e tantos furos, aqueles menorzinhos vão aliviando os que estão lá atrás. Mas, às vezes, ficava um bloco aí de 30, 40 ou 50 centímetros, que não detonava. A perfuratriz vinha e pegava aquela dinamite. Estourava na hora! Dava pressão, mesmo furando com água. A água passa dentro da perfuratriz: a broca que entra no bocal da perfuratriz tem um furinho e a água sai. Mesmo com água! Às vezes, eu estava um pouco longe e ouvia aquele estouro! Os gasômetros apagavam, a gente ia procurar onde era. O cara já estava lá embaixo do minério, todo arreventado! Era catado pedaço por pedaço! Isso eu presenciei muitas vezes.

Keka Simões – E o ouro... Até antes um pouco do transporte do ouro, como era feita a segurança da Mina e do ouro? Tinha policiamento?

Antônio Pessoa – Segurança para trazer o ouro para fundir ou na área de apurar o ouro?

Keka Simões – Todas as duas. Tinha algum...

Antônio Pessoa – Não. A Companhia sempre teve esse guarda, a portaria.

Keka Simões – Na portaria?

Antônio Pessoa – É. Um guarda na portaria e outro guarda na fundição de ouro. O cofre de ouro era todo de cimento armado com muita ferragem, paredes de 50 centímetros, chapa de uma polegada e meia, portões com três fechaduras, das mais fortes possíveis. Ali era a caixa-forte. Eu, por muitas

vezes... Mister Cofee⁴⁰, que foi dono do Marianense... Ali era a residência dele, o Clube Marianense⁴¹ ...

Keka Simões – Ah, é?

Antônio Pessoa – É. Ele ia a pé e voltava a pé. Era inglês. Era o chefe da parte aurífera. Só ele mexia. E era o único que tomava bebida alcoólica. E por quê? Porque a Companhia não tinha outro igual a ele: eficiente e de pouca conversa e simples. Andava com cachimbão, terno de brim cáqui. Mas pessoa também maravilhosamente boa, muito prestativa. Uma vez até aconteceu um caso... Minha filha, que hoje está em Tocantins... Essa fez faculdade, fez pós-graduação, está muito bem empregada, trabalha em hidrelétrica; é quem negocia com os índios, com aqueles proprietários de terra, quando vai inundar terreno. Ela é a primeira que vai para conversar e ver como fica a indenização, se eles aceitam ou não as condições de desapropriação. Então eu pedi a ele: “Ô, Mister Cofee! Minha filha é doida para ter uma pulseirinha de ouro e eu não posso dar. O senhor podia folhear de ouro essa pulseira que ela ganhou da tia, com uns coraçõezinhos muito bonitos? Eu sei que ela vai ficar muito contente. E eu muito mais!” Chamou o que trabalhava lá: “Pode folhear. Dá duas camadas de ouro na pulseira aqui do Senhor Antônio. Um pedido que não pode ser negado”. Eu sempre fui uma pessoa simples, não é? Quando fui perguntar a ele quanto, ele falou: “É só não fazer propaganda, senão vai fazer fila para folhear pulseira e relógio!”⁴² [risos]

Keka Simões – O senhor falou que esse ouro ficava guardado, não era nem um cofre, era em uma sala. Como o ouro era transportado para fora de Passagem de Mariana?

Antônio Pessoa – Ah! Era em caixas muito fortes. E laminados. A Companhia tinha o cilindro. Os compradores exigiam se era uma oitava, 1/32 ou 1/16, ou seja, em milímetro ou em polegada. Eram laminadas as chapas com duas polegadas e, às vezes, com três centésimos de espessura, o que já era para fazer jóia, o trabalho. Então tinha a caixa de madeira, dentro de uma outra caixa de couro que era muito usado – eles falavam baú – com diversas chaves.

⁴⁰ Nome sujeito à confirmação.

⁴¹ Esporte Clube Marianense, clube esportivo e social localizado na Praça Gomes Freire de Andrade, em Mariana.

⁴² O entrevistado altera a voz, imitando o sotaque de Mister Cofee.

E ali vendia para o Rio⁴³. Era acompanhado... la gente de confiança da Companhia, acompanhando o transporte.

Keka Simões – Esse transporte era trem, carro? O senhor lembra?

Antônio Pessoa – Às vezes, ia de trem em um carro. Mas, geralmente, ia mesmo em carro da Companhia, carro alugado, apropriado para fazer o transporte do ouro.

Keka Simões – Certo. E tinha alguma superstição, alguma história ligada ao trabalho dentro da Mina? Alguma coisa que falava: “Ah! Fulano não pode entrar na Mina porque dá azar”. Tinha alguma coisa assim?

Antônio Pessoa – Sempre tinha. Tinha um tal de Pizzati⁴⁴ que foi fiscal na Mina e era uma pessoa trabalhadora, sem dúvida nenhuma. Altão, andava com um chapéu grande, bota com aquelas orelhas que tapavam o joelho. E ele era fiscal geral de todas as minas. Tinha outros fiscais, feitores... Como chama? Me esqueço agora... Alemão e inglês faziam e até português. Tem uma vila que a Companhia fez – Vila Portuguesa –, porque chegaram aí uns cinqüenta e tantos portugueses à procura de trabalho. A Companhia achou por bem fazer uma vila com o nome de Vila Portuguesa, e lá eles foram morar.

Keka Simões – Essa Vila era em Passagem?

Antônio Pessoa – Em Passagem. Era um pouco para baixo do hospital. Ainda existem algumas das mesmas casas, não é? Então, esses portugueses eram atirados, trabalhavam bem vestidos, com roupa de veludo dentro da Mina. Um carro saía fora dos trilhos: enquanto um outro ia procurar um tubo para fazer uma banca, para fazer menos força, eles pegavam no braço, punham o carro na linha e tocavam, despejavam onde era necessário.

Keka Simões – E o Senhor Pizzati? Eu acabei cortando o senhor...

Antônio Pessoa – O Pizzati era assim: muitos achavam que ele aparecia na Mina.

Keka Simões – Ah! Como fantasma?

⁴³ Rio de Janeiro.

⁴⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Antônio Pessoa – Como fantasma. Muitas vezes eles corriam dos alargamentos, porque os alargamentos eram grandes. A senhora já fez visita à Mina do Fundão⁴⁵?

Keka Simões – Já, já.

Antônio Pessoa – Aqueles alargamentos parecem uma casa, são espaçosos.

Keka Simões – É.

Antônio Pessoa – Às vezes, eles estavam trabalhando... Quando ele levantava o olho, saíam correndo: “O que aconteceu?” O feitor também corria, não é? Não sabia o que estava acontecendo, não sabia se o teto estava desabando... Corria. “O falecido Pizzati apareceu lá com o gasômetro na mão, procurando coisas, e nós ficamos espantados!”

Keka Simões – Alguma festa, alguma data era comemorada pela Companhia ou pelos funcionários?

Antônio Pessoa – Era a maior festa que existia! O dono, Júlio Mourão Guimarães, fazia anos... Dia 29 de julho era a data de nascimento. 29 de junho!

Keka Simões – De junho?

Antônio Pessoa – De junho. Vinte e nove de junho. Onde é o Clube do Ouro⁴⁶ era a casa de festa deles, só para os Guimarães e para os chefes contemplados por eles, de confiança deles, não é? Esses entravam para dançar, não era permitido que mais ninguém... Então ali tinha festa do Senhor Júlio e era uma das maiores festas! Era a noite inteira! Cabo de guerra, fanfarra, discursos e mais discursos, muito churrasco.

Keka Simões – Era só para os funcionários ou era para a cidade?

Antônio Pessoa – Todos que fossem vizinhos, como Ouro Preto, Mariana... Municípios podiam participar da festa. Era para todos. Uma vez eu, sem ser jogador, participei como jogador: vesti uniforme, formaram-se quatro times... Eu sempre fui do União Passagense⁴⁷. Então, o que era da área do escritório falou: “Você vai vestir porque faltou um jogador. Você vai vestir de jogador.” “Mas eu não sou. Eu sou admirador, mas não sou jogador!” “Não, mas você vai”. Muitos me cumprimentaram porque não me conheciam como jogador: “Ah,

⁴⁵ Mina da Companhia Minas da Passagem que atualmente é aberta à visitação, localizada em Passagem de Mariana.

⁴⁶ Restaurante que funcionava ao lado do escritório da Companhia Minas da Passagem, há alguns anos.

⁴⁷ União Passagense Futebol Clube.

mas eu não sabia que você era jogador!” Eu falei: “Mas eu não sou!” “Não, mas é. Você está vestido de jogador, você é jogador”. Era a melhor festa que tinha!

Keka Simões – Eder⁴⁸? Para mim, acho que está ótimo. Senhor Antônio, eu gostaria de agradecer a entrevista. O Trem da Vale agradece. Eu sei que o senhor tem muito mais história para contar. Em uma outra oportunidade, a gente vai pegar mais histórias com o senhor. Muito obrigada.

Antônio Pessoa – Eu acho que eu não fui eficiente em todas as perguntas. Eu reconheço que não.

Keka Simões – Nossa, mas o senhor deu muita informação!

Antônio Pessoa – Não era isso que vocês esperavam de mim.

Keka Simões – Claro que sim! A gente não espera nada antes. A gente espera quando chega aqui. [riso]

Antônio Pessoa – Eu falei com o Pedro⁴⁹: “Não. Eu vou aceitar o convite, fico muito grato de ser aceito...”. Na minha idade, a gente se sente honrado em ainda ser útil para alguma coisa. Como [olha só]⁵⁰ eu tenho um aparelhinho para medir pressão. Quanta gente vai lá em casa medir pressão e fala: “Ah, quanto é?” “Não é nada. Venha quando quiser”. Eu tenho pressão alta desde 1938. Para não ir todos os dias aos hospitais, às clínicas, eu comprei um aparelhinho. Eu sempre fui bom para ler micrômetro no meu trabalho, na oficina, não é? E paquímetro e tudo. Eu comprei um aparelhinho, eu mesmo meço: antes de vir para cá, eu medi; na hora de deitar, eu meço. Quem não quer viver? Todos querem e com saúde.

Keka Simões – E com saúde e com essa memória boa que o senhor tem! O senhor contou muita coisa para a gente sobre a Companhia e a vida do senhor. Para a gente e para os estudantes também, vai ser muito importante.

Antônio Pessoa – É. Pela idade que tenho, ainda estou bem.

Keka Simões – Está muito bem! [riso]

Antônio Pessoa – Mas eu agradeço!

[Término da entrevista]

⁴⁸ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

⁴⁹ O entrevistado refere-se a Pedro Paulo Gomes Júnior, então secretário do Trem da Vale e responsável pelo agendamento das entrevistas.

⁵⁰ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.